

“PROJECTO APRIÉS (MÊNFIŠ/KOM TUMAN): CONTRIBUTOS PARA UMA COMPREENSÃO DA ALTERAÇÃO NAS ROTAS TRADICIONAIS DO IMPERIALISMO EGÍPCIO

Maria Helena Trindade Lopes

F.C.S.H./NOVA - CHAM

Resumo: O projecto arqueológico “Palácio de Apriés, Mênfis” desenvolvido por uma equipa portuguesa, em Kôm Tumân, confirmou algumas das hipóteses levantadas por Petrie (1909-1910) e por Kemp (1976) nas suas pesquisas, mas ajudou sobretudo a clarificar a realidade política da dinastia saíta. Apriés foi o 4º faraó da XXVI dinastia (Época Baixa–Período Saíta), tendo governado o Egipto entre 589 e 570 a.C. O seu curto reinado, que tem expressão material no palácio erguido em Kôm Tumân, e nos múltiplos artefactos deixados no campo de mercenários anexo ao palácio e na zona de armazéns, a sul, marca o fim de uma política na história imperialista do Egipto e o início de uma nova rota que privilegia o Mediterrâneo.

Palavras-chave: Palácio de Apriés, Mênfis, Kom Tuman, Período Saíta, Mediterrâneo



Fig. 1 – Palácio de Apriés e campo de mercenários anexo (vista de Sul para Norte)

O projecto¹, desenvolvido de 2000 a 2010, por uma equipa da FCSH/Nova e liderado por Maria Helena Trindade Lopes, desenvolveu-se numa vasta área, com cerca de 220 000 m², que se situa na zona norte de Mênfis, em Kom Tuman. O sítio, que abrange o “Palácio de Apriés” e o seu campo de mercenários, fica localizado a Norte de Mît Rahina e a Sul do moderno cemitério de Sheikh Said em Kôm Aziz, sendo hoje delimitado a Sudoeste e a Oeste pela aldeia de Ezbet Gabry.

¹ Vd. M. H. T. Lopes, “The Apries Palace Project” in *EA* 42, London, 2013, pp. 36-38; M. H. T. Lopes, “The Portuguese Archaeological Mission: The Apries Palace project in Kôm Tumân (Memphis)” in *Hathor-studies of Egyptology*, nº 1, Lisboa, 2012, pp. 137-151 ; M. H. T. Lopes, “O Palácio de Apriés, Mênfis/Kôm Tumân” (in collaboration with Sofia Fonseca) in *Novos Trabalhos de Egiptologia Ibérica, IV Congresso Ibérico de Egiptologia*, Lisboa, Instituto Oriental e Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012, pp. 579 – 589., M. H. T. Lopes, “The Apries Palace, Memphis/ Kôm Tuman: The First Portuguese Mission in Egypt” (in collaboration with Sofia Fonseca) in *JARCE* 47, Cairo, 2011, pp. 247 – 258 e ainda M. H. T. Lopes, *Mênfis (Kôm Tumân): o 'rosto' de Apriés*, Lisboa, Ed. Tinta da China, 2010.

No canto Noroeste desta vasta planície descobre-se o Palácio, edificado sobre uma colina artificial, com cerca de 13,66m de altura, e que segundo Kemp teria sido construída numa só fase², provavelmente a de Apriés. Anexo ao Palácio encontra-se o “campo militar” de Apriés, que se estende para Nordeste, Este e Sudeste, onde se teriam alojado vários grupos de mercenários, especialmente gregos e cários. Toda esta vasta zona, compreendendo Palácio e Campo, era fortificada, apresentando as paredes, do muro de vedação, 10m de espessura na base.

Durante 10 anos, o trabalho arqueológico realizado pela equipa portuguesa desenvolveu-se por etapas, cumprindo objectivos decisivos para a compreensão deste sítio: efetuou-se uma prospeção cuidadosa de toda a área que nos permitiu, num segundo momento, delimitar três zonas de escavação; realizaram-se vários furos de sondagem de modo a conhecer as características do solo e os seus distintos níveis de ocupação e efetuou-se uma prospeção geológica com recurso ao método de georadar (GPR) que nos forneceu indicações mais precisas sobre as diferentes zonas; executou-se ainda um estudo sobre a estabilidade do solo, as técnicas de fundação e construção do palácio bem como dos materiais utilizados, tendo sido registados, fotografados e classificados todos os materiais em pedra *in situ* e, naturalmente, realizaram-se escavações em três áreas identificadas no sítio que correspondem a 3 espaços distintos de ocupação – uma área relacionada com a estrutura do Palácio, a Norte; uma área de habitat onde se fixaram as tropas mercenárias de Apriés, a Este e uma área de armazéns, de apoio ao palácio e ao acampamento, a Sul.



Fig. 2 – Pormenor de escavação e registo na Zona Este (temporada de 2008)

² B. Kemp, “The Palace of Apries at Memphis” in *MDAIK* 33 (1977): 106.

Naturalmente, fez-se o levantamento topográfico de toda a zona, que nos permitiu ir registando com rigor as áreas intervencionadas. Simultaneamente, durante estes anos e no decurso das temporadas, fomos seleccionando e registando os materiais, que posteriormente foram estudados. A mesma metodologia foi usada para o registo de estruturas e objectos. Entretanto, dada a proximidade da aldeia de Ezbet Gabry, e a actividade constante dos *sebakhim*, que regularmente vêm roubar adobe para usarem como fertilizante na agricultura, uma das nossas maiores preocupações – por precaução – foi não só fotografar mas desenhar o que restava do Muro de Vedação Norte³ do palácio, missão que foi cumprida na temporada de 2002.



Fig. 3 – Desenho do Muro de Vedação Norte (2002)

Paralelamente, nos anos de 2001 a 2009⁴, todo o material das diferentes temporadas foi estudado e a sua análise foi metodologicamente dividida em 5 etapas principais: limpeza

³ Vd. desenho do Muro em M. H. T. Lopes, *Mênfis: o rosto de Apriés*, p. 147.

⁴ *Ibidem*, pp. 79-264.

e lavagem dos materiais; marcação de todos os objectos com o código do sítio (MKT⁵/ano), seguido do número do sector onde foi encontrado, a respectiva unidade estratigráfica, o número individual de peça e a data; catalogação de todas as peças numa base de dados que nos permite o estudo estatístico dos achados por tipologias, pasta de cerâmica ou unidade estratigráfica; desenho e tintagem dos objectos considerados mais importantes para o estudo das diferentes tipologias e fotografia de todos os objectos encontrados.

Da grande quantidade e variedade de materiais encontrados, podemos identificar materiais desde o Império Antigo até ao Período Romano, embora a grande maioria dos objectos date do Império Novo e da Época Baixa. Não podemos esquecer que nos encontramos em Mênfis⁶, a cidade que durante mais tempo foi capital, ao longo da história do Egipto faraónico.

Assim, ao fim de dez anos de trabalho arqueológico neste sítio, que conclusões poderemos retirar, que contribuam para um melhor esclarecimento do período saíta e do reinado de Apriés, o faraó que mandou construir este imponente palácio?

Fundamentalmente, três:

- 1 – A escavação na zona Este, a zona de habitat dos mercenários do faraó comprova as relações intensas da dinastia saíta com o Egeu.
- 2 – Comprova ainda a presença de estrangeiros – sobretudo gregos e cários – no acampamento militar anexo ao palácio.
- 3 – E, finalmente, explica a razão da construção deste palácio fortificado, em Mênfis, numa altura em que Saís era a capital.

Vejamos então: “O período saíta corresponde à XXVI dinastia e cobre aproximadamente um século e meio de história egípcia entre duas invasões do Oriente : a dos Assírios na 1^a

⁵ MKT corresponde a Mênfis, Kom Tuman.

⁶ Cf. Leclère, F., *Les villes de Basse Égypte au Ier millénaire av. J.-C.*, vol. 1, Caire, IFAO, 2008, pp. 25 – 111 e S. Snape, *The Complete Cities of Ancient Egypt*, London, Thames & Hudson, 2014, pp. 170 - 177.

parte do século VII a.C. e a dos Persas em 526 a.C.”⁷. A 1ª invasão pôs fim ao domínio Kushita no Egito e permitiu a emergência desta nova dinastia⁸, saíta, que manteve uma linha de continuidade familiar curiosamente até ao final do reinado de Apriés, pois em 570 a.C. um “golpe de estado”⁹, levado a cabo pelo general Amasis depõe o faraó Apriés, dando início a uma segunda fase desta dinastia com Amasis e o seu sucessor Psamético III.

A primeira parte do período Saíta, abrangendo o longo reinado de Psamético I e ainda o reinado de Necho II, foi uma fase de libertação do domínio assírio e do crescente controlo territorial sobre o Egito¹⁰. O segundo período, que corresponde ao século VI, e que cobre os reinados seguintes – onde se incluiu Apriés - foi uma época de viragem na relação dos egípcios com o espaço envolvente.

A fraqueza do exército saíta face aos poderes imperiais em presença (primeiro os assírios, depois os babilónios e, mais tarde, os persas) será reconhecível na perda de influência na Síria-Palestina e no fracasso, por exemplo, da expedição enviada pelo faraó Apriés a Jerusalém¹¹, quando esta foi cercada pelas tropas do rei babilónio, Nabucodonosor II.

⁷ D. Agut-Labordère, “The Saite Period: the Emergence of a Mediterranean Power” in J. C. Moreno Garcia (ed.), *Ancient Egyptian Administration*, Leiden-Boston, Brill, 2013, p. 965. Para este período vd. ainda Mumford, G., “Egypto-Levantine relations during the Iron Age to early Persian periods (Dynasties late 20 to 26)”, in T. Schneider and K. Szpakowska (eds.), *Egyptian Stories: A British Egyptological Tribute to Alan B. Lloyd on the Occasion of His Retirement*. Alter Orient und Altes Testament Band 347, Münster, Ugarit-Verlag, 2007, pp. 141 – 204.

⁸ Cf. O. Perdu, “De Stéphinates à Néchao ou les débuts de la XXVIe dynastie,” *CRAIBL* (2002), 1215–1244.

⁹ Designação usada por D. Agut-Labordère, *Ob. Cit.*, p. 965.

¹⁰ Que passou pela submissão de duas aristocracias - a aristocracia líbia do Delta e a aristocracia tebana do templo de Amon – e por uma reforma administrativa notável. Cf. D. Agut-Labordère, *Ob. Cit.*, pp. 974-985. Para o período, vd. A. Spalinger, “Egypt and Babylonia: a Survey (c. 620 BC – 550 BC) in *SAK* 5 (1977): 221- 244 e A. Spalinger, “The concept of Monarchy during the Saite Epoch – an Essay of Synthesis” in *Orientalia* 47 (1978): 12-36.

¹¹ Cf. T. G. H. James, “Egypt: the Twenty-fifth and Twenty-sixth Dynasties”, (chp. 35) in J. Boardman et. al. (eds.), *The Cambridge Ancient History*, volume 3 part 2: *The Assyrian and*

Esta debilidade do exército egípcio era ainda acentuada pela presença constante de inúmeros estrangeiros nas tropas saítas – os famosos “mercenários”¹² gregos e cários, mas também cipriotas, judeus¹³ e fenícios¹⁴ - que eram um factor de desestabilização. Recordemos a propósito o motim dos combatentes estrangeiros, incluindo gregos e asiáticos, que ocorreu em Elefantina durante o reinado de Apries¹⁵, cujo relato se encontra na estátua Louvre A 90 pertencente a Neshor, um alto funcionário do exército Saíta.

Ora face à incapacidade sentida pelos reis saítas de manterem um “domínio da terra”, ou seja um controlo efectivo, militar, das antigas zonas de influência na Siro-Palestina, o Mediterrâneo¹⁶ vai surgir, naturalmente, como a sua rota preferencial de acção, privilegiando as relações comerciais e diplomáticas do mundo egípcio com os estados

Babylonian Empires and other States of the Near East from the Eighth to the Sixth Centuries B.C. Cambridge, Cambridge University Press (2nd edition), 1991, pp. 718- 719.

¹² Para o termo mercenário – grego - e as suas aplicações vd. D. Agut-Labordère, “Plus que des mercenaires ! L’intégration des hommes de guerre grecs au service de la monarchie saïte” in L. Martinez-Sève (ed.), *Les diasporas grecques du VIIIe à la fin du IIIe siècle av. J.-C., Actes du colloque de la Sophau organisé à l’Université de Lille 3 les 11 et 12 mai 2012, Pallas 2012, PALLAS 89*, 2012, pp. 293 – 306.

¹³ Houve muitos judeus que fugiram para o Egipto em consequência da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor II. Cf. Mumford, G., “Egypto-Levantine relations during the Iron Age to early Persian periods (Dynasties late 20 to 26)”, pp. 163 e ss.

¹⁴ Vd. P. C. Schmitz, “The Phoenician contingent in the campaign of Psammetichus II against Kush” in *Journal of Egyptian History*, 3/2, Brill, 2010, p. 321-337.

¹⁵ H. Schäfer, “Die Auswanderung der Krieger unter Psammetich I. und der Söld- neraufstand in Elephantine unter Apries,” *Klio IV* (1904), pp.152–163, 4 pl e A. Leahy, “The Earliest Dated Monument of Amasis and the End of the Reign of Apries” in *JEA 74* (1988), p. 188.

¹⁶ Até por causa do controlo dos fluxos comerciais. Vd. J.C. Moreno-García, “L’évolution des statuts de la main-d’œuvre rurale en Égypte de la fin du Nouvel Empire à l’époque saïte,” in: *Travail de la terre et statut de la main- d’œuvre en Méditerranée archaïque, VIIIe–VIIe siècles. Table-ronde Athènes 15–16 décembre 2008*, J. Zurbach, ed. (Bulletin de Correspondance Hellénique; Athens, in press).

gregos¹⁷. Mas esta viragem para o Mediterrâneo – e depois do Mediterrâneo Levantino para o Mediterrâneo Ocidental - pressupõe, naturalmente, também, uma nova “ferramenta militar”, uma frota¹⁸, cujos custos de construção foram muito elevados para as finanças da coroa. Ora isto acontece ainda durante os reinados anteriores a Amasis, ou seja, de Necao II a Apriés. É óbvio que se vai acentuar com Amasis, que conquista Chipre¹⁹, transformando o Egito, pela primeira vez na história, num poder naval no Mediterrâneo.

Assim, o reinado de Apriés vem, no fundo, no seguimento das políticas dos reinados anteriores iniciadas com Necao II de intensificação das relações com o Egeu, que conduziram à incorporação de homens e de bens de consumo no exército e no quotidiano egípcio, a ponto de como demonstra D. Agut-Labordère encontrarmos casos de gregos com postos de relevo na administração egípcia²⁰. Esta situação prova também a integração profunda de certos gregos no aparelho de estado faraónico.

Mas então, que razão terá levado Apriés a mandar construir um palácio residencial em Mênfis, quando a capital era Saís, no Delta Ocidental?

Fundamentalmente, por duas razões distintas mas complementares. É que o porto militar da frota Saíta foi provavelmente o *prw nfr* de Mênfis²¹ como explica Damien Agut-Labordère, no seu mais recente trabalho sobre o Período saíta e a emergência de um poder Mediterrânico.

¹⁷ Vd. D. Agut-Labordère, “Approche cartographique des relations des pharaons saïtes (664-526) et indépendants (404-342) avec les cités grecques” in L. Capdetrey; J. Zurbach, *Mobilités grecques: mouvements, réseaux, contacts en Méditerranée de l'époque archaïque à l'époque hellénistique*, Bordeaux, Ausonius, 2012, pp. 219 – 234.

¹⁸ Cf. D. Agut-Labordère, “The Saite Period: the Emergence of a Mediterranean Power”, pp. 990 ss.

¹⁹ *Ibidem*, p. 986.

²⁰ D. Agut-Labordère, “Plus que des mercenaires ! L'intégration des hommes de guerre grecs au service de la monarchie saïte” in *PALLAS*, 89, pp. 293 – 306.

²¹ D. Agut-Labordère, “The Saite Period: the Emergence of a Mediterranean Power”, p. 991 e ainda F. Leclère, *Ob. Cit.*, p. 43 e p. 71.

Mênfis era, à época de Apriés, e como afirma David Jeffreys²² uma capital cosmopolita, enriquecida com várias comunidades estrangeiras e um porto internacional. E a intensa actividade da frota egípcia, devido à alteração das rotas comerciais e diplomáticas, da terra para o mar, justificava uma presença mais constante nesta cidade. Por outro lado, governar em Mênfis reforçava a ideia de ligação com o passado que os reis saítas procuraram criar através da designação hoje já revista de “renascimento saíta”²³. Mênfis era a capital de prestígio do passado.

Todas estas considerações conduzem, no entanto, a uma outra conclusão, também ela pertinente: contrariamente ao que se pensou e escreveu durante muito tempo, o reinado de Apriés, curto e com um final inadequado, não foi um período menor no contexto da época saíta. Bem, pelo contrário. Apriés seguiu as linhas políticas orientadoras da XXVI dinastia e procurou ainda reforçar essa política, ao governar, a partir de Mênfis, a emblemática antiga capital do Egipto, num palácio fortificado, que ele legou aos egípcios como memória do seu reinado.

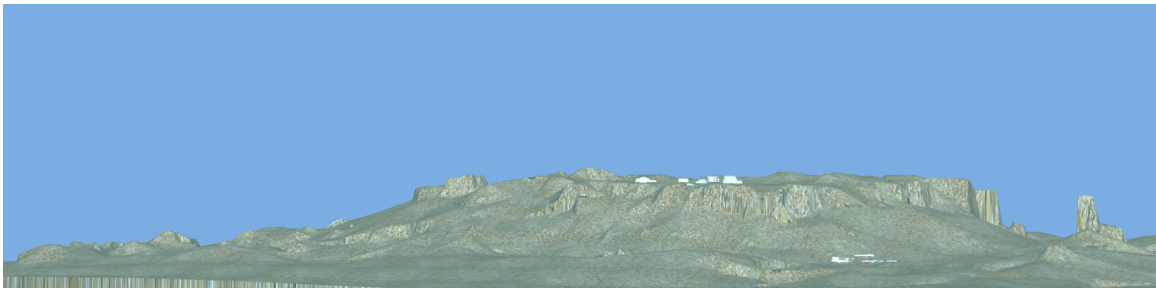


Fig. 4 - Mapa Topográfico 3D do Palácio de Apriés

²² D. Jeffreys, 2008. “The Survey of Memphis, capital of ancient Egypt: recent developments” *Archaeology International* (2008) 11: 44, DOI: <http://dx.doi.org/10.5334/ai.1112>.

²³ D. Agut-Labordère, “The Saite Period: the Emergence of a Mediterranean Power”, p. 966.